

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ALUNO: JOSÉ PEREIRA DA SILVA  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA  
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO  
ORIENTADOR: CELSO GESTEMEIR

RELATÓRIO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CAMPINA GRANDE, 1995.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO .....	p. 03
INTRODUÇÃO	
- "Que História é essa?".....	p. 04
DESENVOLVIMENTO .....	p. 08
CONCLUSÃO .....	p. 11
BIBLIOGRAFIA .....	p. 12
ANEXOS	
- PLANO DE CURSO .....	p. 14
- PLANO DE UNIDADE .....	p. 16
- PLANOS DE AULA .....	p. 17
- FICHAS DE OBSERVAÇÃO .....	p. 21
- TEXTOS MIMEOGRAFADOS .....	p. 39
- EXERCÍCIO DE AVALIAÇÃO.....	p. 42
- FICHAS DE LEITURA .....	p. 54

## APRESENTAÇÃO

O presente relatório vem cumprir exigências da Disciplina Prática de ensino em História, no período de 94.2. O mesmo tem como finalidade o relato de atividades como leituras de textos, reuniões e o próprio estágio supervisionado, o qual se deu na Escola Estadual de 1ª e 2ª graus Assis Chateaubriand.

Campina Grande, junho de 1995.



## INTRODUÇÃO

"Que História é essa?"

Ao nos depararmos com a prática de ensino em história, enquanto realidade, nos deparamos com uma situação não muito estimulante, e que não nos tira a vontade de encarar a batalha cotidiana da educação.

Iniciando algumas reflexões sobre o ensino da História, e até mesmo sobre as ciências humanas, acabamos nos deparando com questões-chave, para compreender a (des)preocupação com o ensino das mesmas. Falamos isso, em virtude de compreendermos que as ciências humanas, em especial a História; tem a função de despertar no homem um espírito crítico, ativo em toda sua amplitude. Claro que, a educação "transformadora", "libertadora", não teria lugar em nossas preocupações, em virtude de acharmos poucas sugestões para muitas críticas em suas teorizações.

Como sabemos, o Sistema Educacional faz parte de um sistema maior dentro de nossa sociedade, estando até organizado em função de mesmo, ou seja, o Sistema Capitalista. Dessa feita, o nosso Sistema Educacional está embuido de caráter ideológico capitalista, onde o compromisso básico residirá na reprodução do mesmo.<sup>1</sup>

Dentro do "mundo" da educação, e especificamente, da História, a primeira questão-chave que levantamos é a História que é trabalhada nos três graus. Como é notório, principalmente no primeiro e segundo graus, a história é comumente vista como uma coisa estanque, isolada da vivência do aluno, distante da vida do aluno. Evidentemente, tal compreensão de História causará um desinteresse pela Disciplina, por parte dos alunos.<sup>2</sup>

Um outro elemento complicador é o nível de conteúdo passado para os alunos. É frequente vermos uma "história" apologética, onde desfilam heróis, fatos "relevantíssimos" (nem sempre), e datas. É assim com boa parte das temáticas eleitas pela historiografia. <sup>COMO</sup> Por exemplo, vejamos a temática "Independência do Brasil". Nesse conteúdo, estarão em evidência: D. Pedro I, o "grito de Ipiranga" e o 7 de setembro de 1822 ( presente em boa parte dos livros didáticos, que fazem uma leitura tradicional na historiografia). Dessa feita aniquilamos duas questões primordiais para a compreensão histórica, ou seja, a ação "ativa" no fazer história, pelos homens (que no caso se reduz à figura de D. Pedro), e o entendimento da história como processo ( que no caso está reduzido ao grito de dia 7 ).

Esse nível de ensino de História, muitas vezes se agrava mais ainda. Por exemplo, no segundo grau onde a preocupação é com a transição para o grau seguinte, via vestibular, o problema se manifesta nitidamente. Ocorre exatamente um "samba de crioulo deitado", deflagrado por confusões nas informações, nos conceitos e na própria redação. Coisas comumente encontradas em provas de vestibular.

E o terceiro grau, como está? Ao nosso ver, nas Universidades, de um modo geral, ocorre uma boa teorização no ensino de História (claro que com suas limitações!). O problema reside exatamente na ponte que deve existir entre os referidos graus. À Universidade é atribuído um papel na produção erudita, já ao primeiro e segundo graus, caberia-lhes a elaboração de um saber instrumental, que lhes daria condições de ingressar no grau seguinte.<sup>3</sup>

E a saída, qual seria? Para nós, um ponto de partida seria o professor, que é fruto do saber erudito das Academias, tentar levar o nível de compreensão de História, que tem caráter "erudito", para o primeiro e segundo graus. Tentando, com isso, engendrar nos alunos uma nova forma de fazer história, ou seja, com preocupações sociais (política, econômica, cultural, etc).

Da maneira que colocamos, parece ser fácil, *explicar!* mas não é! Além do distanciamento entre a teoria e a prática, facilmente detectada na relação entre Universidade e os graus anteriores, há também o despreparo de muitos professores para tal função. Claro que esse problema é mais amplo do que pensamos. O Sistema Educacional brasileiro, a cada dia, joga nas salas de aula um bom número de pessoas, que muitas vezes nem têm uma formação no Magistério. *NA PRÁTICA* Empiricamente, no cotidiano, encontramos advogados, engenheiros, etc., ocupando indevidamente espaço nas salas de aula.

Todavia, o mais grave que achamos é a falta de compromisso <sup>co</sup> com a educação. Se temos condição <sup>de</sup> fazer, dentro do possível, um bom trabalho, não devemos abrir mão de tal ação, e nem entrar no discurso comumente visto de que sem salário não tem educação. Não que o professor não mereça ganhar bons salários, mas, é que tal conquista é ponto de chegada, juntamente com um bom nível de saber, e não o ponto de partida.

## NOTAS

- 1- SILVA, Marcos A. da. op. cit. - p.15.
- 2- Idem 1 - op. cit. - p.21.
- 3- Idem 1 - op. cit. - p.17.



## BIBLIOGRAFIA

- CIAMPI, Helenice. Poder, cidadania e formação do professor de História. IN: AMPUH. São Paulo. (s/d).
- RODRIGUES, Neidson. O ensino das ciências humanas: História e Geografia. IN: Por uma nova escola - o transitório e o permanente na educação. São Paulo: Cortez, 1985.
- ROSA, Zita de Paula. A formação do "professor I" e o ensino de História. IN: AMPUH. São Paulo. (s/d).
- SILVA, Marcos A. da. A vida e o cemitério dos vivos. IN: AMPUH. São Paulo. (s/d).



## DESENVOLVIMENTO

Iniciamos nossas atividades da Prática de ensino, na primeira semana útil do período 94.2. Dessa feita, começamos com discussões semanais (nas quartas-feira - 08:00h.) de textos com o nosso orientador, o professor Celso. Chegamos a discutir e fichar os seguintes textos: FISCHER (1976), RONCA (1986), OLIVEIRA (1985), RODRIGUES (1985) e LUCKESI (1984). (ver anexos).

Nessa atividade inicial pudemos discutir questões importantíssimas para a regência da Prática de ensino, como por exemplo a questão da "aula expositiva". Além das discussões pudemos receber algumas experiências vividas pelo nosso orientador.

Numa segunda etapa com o nosso orientador, fizemos algumas aulas experimentais, para desenvolvermos nossa didática.

Juntamente com o coordenador da Prática de ensino, o professor Antonio Clarindo, estivemos nos reunindo todas as segundas-feiras às 10:00 h. Nesses encontros discutimos o texto: PORTO (1987), e houve a apresentação de um quadro demonstrativo sobre as escolas. (ver bibliografia).

Seguindo os encontros com o coordenador da Prática, discutimos uma história em quadrinhos, onde realçava a ação autoritária do aluno em sala ao substituir o professor. O episódio era "Tomando conta da classe" (Chico Bento - 1995). } *explique!*

Tivemos também a discussão com o coordenador, sobre plano de curso. Nela, tiramos algumas dúvidas sobre sua elaboração.

Ao partirmos para o campo de estágio, tivemos inicialmente a determinação de fazer 06 (seis) observações (ver fichas de observações em anexo). Nosso primeiro contato com o nosso campo de estágio, ou seja, a Escola Estadual de 1º e 2º graus Assis Chateaubriand, foi no dia 31/03/95. Nesse primeiro contato, tivemos inicialmente um "choque". Choque este que nos levou a pensar a questão do ensino de História (tivemos como resultado o texto introdutório "Que História é essa?").

Se formos analisar as fichas de observação (ver anexos), poderemos ter uma idéia dos problemas encontrados. Os mais destacáveis são: o desinteresse dos alunos <sup>para</sup> com o estudo da História e a falta de entusiasmo por parte do professor. Tais elementos comprometem, e muito, o processo de ensino-aprendizagem.

Apesar dos "probleminhas", encontramos na fase de observação a possibilidade de entrar em contato <sup>com TURMAS</sup> que iríamos <sup>trabalhar</sup> pegar na regência. Além do mais, eu não tinha ainda nenhuma experiência em sala de aula.

Após o período de observação, partimos para a regência, em História do Brasil, no 2º ano científico. Nossa primeira aula foi ministrada em 25/04/95, onde tivemos a incumbência de fazer uma revisão sobre o 1º Império. ~~Nessa~~ <sup>NELA</sup> tentamos mostrar a nossa concepção de História, ou seja, história como processo, feita por homens, e que se reescreve a cada dia.

Essa nossa primeira experiência foi positiva. Apesar do desânimo de alguns alunos, conseguimos "prendê-los" em sala durante toda a aula, sem que tivesse a necessidade de chamá-los à atenção a qualquer momento.

A nossa segunda e terceira aulas <sup>RAM</sup> ocorreram sequenciadas, no dia 28/04/95. Nelas trabalhamos com o período regencial, onde procuramos mostrar de maneira esquemática ~~este~~ período. Para essas aulas distribuímos texto mimeografado e exercícios (ver anexos).

Tivemos como temática na nossa quarta aula, dia 02/05/95, "A revolta dos cabanos". Para essa aula, também distribuímos texto mimeografado.

Nas nossas últimas aulas, dia 05/05/95, ~~trabalhamos~~ <sup>FAZENDO</sup> num primeiro momento com "A guerra dos farrapos", onde ~~onde~~ fizemos contrapontos com a aula anterior, ou seja, "A revolta dos cabanos". No segundo momento, trabalhamos sumariamente com o segundo Império, mostrando as mudanças ocorridas em torno dos aspectos políticos, econômicos e sociais no Brasil desse período, tendo por base a economia cafeeira.

As aulas ministradas sobre as revoltas dos cabanos e farrapos, foram reapresentadas, de formas experimentais, em encontros com o coordenador da Prática, nos dias 18/05 e 29/05/95. Nessa reapresentação, pudemos repensar algumas questões, uma vez que, a aula seria ministrada no Mini-curso para o vestibular <sup>U</sup> que ocorreu de 05/06 à 09/06/95. Tivemos, também, de rever a questão do tempo de duração da aula, uma vez que, tivemos o dia 08/06/95, para ministrarmos as mesmas em 1 h ~~hora~~.

A experiência do mini-curso foi positivo. Nela pudemos ter o contato com um público mais seleto, que tinha realmente o objetivo de participar das aulas (não por obrigação). Tal situação ajudou no desenvolver das aulas, onde sempre havia alguma pergunta, algum questionamento tudo isso movimentando a aula.

É importante ressaltar que, para o mini-curso, utilizamos além do tradicional quadro de giz, como recursos, texto mimeografado, mapa e algumas gravuras ~~ilustratórias~~.

Fechando nossas atividades na Prática de ensino, tivemos no dia 8/09/95, uma reunião onde se fizeram presentes os orientadores e orientandos da Prática. Nesse encontro foram levantados alguns pontos interes



santíssimos para o melhor proveito da Prática. Por exemplo, que houvesse mais interação entre orientandos e orientadores, isso ocorreria em decorrência de reuniões sistemáticas (mensais, por exemplo). Uma outra discussão que foi levantada, foi o próprio andamento do curso, o qual nos suscita muitas preocupações. *QUAIS*

Estas foram portanto as atividades desenvolvidas na Prática de ensino em História, na qual tentamos fazer o máximo para o seu andamento satisfatório.

## CONCLUSÃO

As atividades da Prática de ensino, ~~neg~~eral foram boas. Porém, podemos levantar alguns pontos que deixaram a desejar. Por exemplo, a proposta feita inicialmente pelo coordenador da Prática, ou seja, fazer um acompanhamento sistemático e interativo entre os orientandos e orientadores (o que deixou um pouco a desejar, apesar dos esforços). Isso pode ser percebido até nas atividades com os orientadores, ~~onde~~ <sup>que</sup> no nosso caso <sup>RAM</sup> seguimos um calendário previamente estabelecido, enquanto outros grupos da Prática seguiam "aleatoriamente" (em termos de calendário) suas atividades. Não que eles tenham culpa, mas seria necessário que tivéssemos, todos, um calendário a ser seguido. Isso evitaria problemas como, o próprio desencontro de atividades da Prática de ensino.

A Prática de ensino nos propiciou, contudo, vermos de perto a realidade da educação no Brasil, e percebermos mais claramente como a teoria e a prática se acham distantes.

A partir da experiência da Prática, tivemos a confirmação de que, para quebrar com o "marasmo" do ensino de História, temos que ter o mínimo de compromisso, entusiasmo, e preparação (que tentaremos aprimorar na prática cotidiana). A educação, portanto, deverá ser encarada como uma luta constante, e o processo de ensino-aprendizagem, com eficácia, uma conquista.

Fica aqui nossa sugestão, de que procuremos fazer um trabalho em conjunto, para darmos mais embasamento para a Prática. Uma coisa seria termos anteriormente, e não no último período do curso de Licenciatura em História, contatos com discussões metodológicas. Digo isso, pois, <sup>mas não deveria ser!</sup> agrupar num mesmo período a Disciplina Metodologia de ensino e a Prática de ensino (o que é um fato a se pensar).

Concluindo, faço aqui meus agradecimentos ~~ao~~ <sup>para</sup> direto ou indiretamente nos ~~deram~~ <sup>foram</sup> fosca. Ao nosso orientador Celso, ao coordenador Antonio Clarindo, e aos meus colegas da Prática de ensino.



## BIBLIOGRAFIA

- CENAPOA, Tendências da Educação e componentes curriculares. Quadro demonstrativo organizado pelos membros da CENAPOA.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. A questão das técnicas didáticas. Ijuí, nov/76. (mimeo).
- OLIVERRA, Betty. A prática social global como ponto de partida e de chegada da prática educativa. IN: Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro: v. 14, nº66/67, set/dez, 1985.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. IN: Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro: v. 13, nº61, nov/dez, 1984.
- PORTO, Maria do Rosário Silveira. Função social da Escola. IN: FISCHANN, Roseli (coord). Escola Brasileira: temas e estudos. São Paulo: Atlas, 1987.
- RODRIGUES, Neilson. O ensino das ciências humanas: História e Geografia. IN: Por uma nova escola - o transitório e o permanente na educação. São Paulo: Cortez, 1985.
- RONCA, Antonio Carlos Caruso. ESCOBAR, Virginia Ferreira. IV - Análise crítica. IN: "Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação? 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

A N E K O S

PLANO DE CURSO**I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO.**

Escola Estadual de 1º e 2º graus Assis Chateaubriand.

Disciplina: História de Brasil.

Série: 2º ano científico.

Carga horária: 60 h/aula.

Ano letivo: 1995.

Professor: José Pereira da Silva.

**II. DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO.**

março .....	10 h/aulas	
abril .....	08 h/aula.	
maio .....	10 h/aula.	
junho .....	08 h/aula.	
total .....	<u>36 h/aula.</u>	
Aulas destinadas às provas .....		02 h/aula.
Aulas destinadas ao comentário das provas e comunicação dos resultados.....		01 h/aula.
Aulas com margem de segurança .....		<u>03 h/aula.</u>
Total .....		<u>06 h/aula.</u>
	Total de horas/aula .....	36 h/aula.
	Aulas à descontar .....	<u>06 h/aula.</u>
	Disponível no semestre .....	<u>30 h/aula.</u>

**III. OBJETIVOS.**

Levar o aluno a entender a História de Brasil como processo, tendo por base os aspectos sociais, políticos e econômicos da sociedade brasileira da transição para o Império aos nossos dias, relacionando-os a um contexto internacional.

**IV. CONTEÚDOS.**

A partir do conhecimento do aluno a cerca do processo de Independência de Brasil e efetivação do Brasil Império, o aluno deverá destacar elementos sociais, políticos e econômicos que nortearam a formação do Brasil republicano.



**V. PROCEDIMENTOS.**

- Aula expositiva.
- Estudo de mapas.
- Estudo dirigido.
- Análise de gravuras.

**VI. RECURSOS.**

- Quadro de giz.
- Textos mimeografados.
- Mapas.
- Gravuras.

**VII. AVALIAÇÃO.**

- Prova escrita.
- Trabalhos individuais de pesquisa.
- Exercícios de participação.

**VIII. BIBLIOGRAFIA.**

- ALENCAR, Francisco. et alii. História da sociedade brasileira, 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- MENDES Jr., Antonio. et alii. Brasil História: texto e consulta. vol 2 São Paulo: Brasiliense, 1983.
- NADAI, Elza. NEVES, Joana. História do Brasil ( da colônia à República ) 2º grau. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1987.
- PILETTI, Nelson. História do Brasil (2º grau) . São Paulo: Ática, 1990.
- SCHMIDT, Mário. Nova História crítica do Brasil (2º grau). São Paulo: Nova geração, 1992.



Escola Estadual de 1º e 2º graus Assis Chateaubriand.  
 Disciplina: História de Brasil - ano letivo de 1995.  
 Professor: José Pereira da Silva.

PLANO DE UNIDADE (1ª)

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	h/aula	PROCEDIMENTOS	RECURSOS	AValiação
- O Processo de Independência do Brasil.	- Entender as "causas e consequências" da Independência do Brasil.	02	- Aula expositiva	- Quadro de giz - Textos.	- Prova escrita
- O primeiro Império do Brasil.	- Compreender os encaminhamentos políticos, econômicos e sociais durante o primeiro Império.	03	- Aula expositiva	- Quadro de giz - Textos.	- Trabalho em grupo
- O período regencial	- Entender a situação política do Brasil durante as regências.	03	- Aula expositiva	- Quadro de giz - Textos	- Resolução de questões.
- As revoltas no Brasil Império.	- Identificar os elementos políticos, econômicos, e sociais que motivaram as revoltas.	03	- Aula expositiva	- Quadro de giz - Textos. - Mapas.	- Trabalho em grupo.

\* Bibliografia: vide plano de curso.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Assis Chateaubriand.

Disciplina: História do Brasil - 2º ano científico.

Professor: José Pereira da Silva.

Data: 25/04/95 - horário: 08:20 às 08:50.

### PLANO DE AULA I (revisão)

#### 1. OBJETIVOS.

- Entender a situação política e econômica do Brasil no pós-independência.

#### 2. CONTEÚDOS.

- O primeiro Império do Brasil.

#### 3. PROCEDIMENTOS.

- Aula expositiva.

#### 4. RECURSOS.

- Quadro de giz.

#### 5. AVALIAÇÃO.

- Contínua (participação)

#### 6. BIBLIOGRAFIA.

- (vide plano de curso)

*{ mas qual, especificamente para a aula?}*



Escola Estadual de 1º e 2º graus Assis Chateaubriand.  
Disciplina: História de Brasil - 2º ano científico.  
Professor: José Pereira da Silva.  
Data: 28/04/95 - horário: 07:40 às 08:50 h.

## PLANO DE AULA II e III

### 1. OBJETIVOS.

- Entender o período regencial como processo histórico que passaria conseqüentemente pelas ações políticas no 1º Império e abdicação de D. Pedro.
- Identificar as tensões sociais que culminaram com as revoltas provinciais.

### 2. CONTEÚDOS.

- As regências trinas provisória e permanente.
- As regências unas.

### 3. PROCEDIMENTOS.

- Aula expositiva.

### 4. RECURSOS.

- Quadro de giz.
- Texto mimeografado.

### 5. AVALIAÇÃO.

- Resolução e questões.

### 6. BIBLIOGRAFIA.

- ( vide plano de curso )

Escola Estadual de 1º e 2º graus Assis Chateaubriand.

Disciplina: História do Brasil. 2º ano científico.

Professor: José Pereira da Silva.

Data: 02/05/95 - horário: 08:20 às 08:50 h.

#### PLANO DE AULA IV

##### 1. OBJETIVOS.

- Entender os movimentos de revolta no Brasil, durante o período regencial, como ações localizadas e disparens enquanto projetos políticos.
- Compreender o caráter popular do movimento dos cabanos e suas consequências.

##### 2- CONTEÚDOS.

- Arevolta dos cabanos.

##### 3. PROCEDIMENTOS.

- Aula expositiva.

##### 4- RECURSOS.

- Quadro de giz.
- Texto mimeografado.

##### 5- AVALIAÇÃO:

- Continua (participação)

##### 6- BIBLIOGRAFIA.

- (vide plano de curso).



Escola Estadual de 1º e 2º graus Assis Chateaubriand.

Disciplina: História do Brasil - 2º ano científico.

Professor: José Pereira da Silva.

Data: 05/05/95 - horário: 07:40 às 08:50 h.

## PLANO DE AULA V e VI.

### 1- OBJETIVOS.

- Compreender o caráter separatista e republicanista da revolta dos farrapos.
- Detectar os pontos de aproximações e diferenças entre os cabanos e os farrapos.
- Entender as mudanças políticas e econômicas no segundo Império.

### 2- CONTEÚDOS.

- A "guerra dos farrapos".
- O segundo Império (introdução)

### 3- PROCEDIMENTOS.

- Aula expositiva.

### 4- RECURSOS.

- Quadro de giz
- Texto mimeografado.

### 5- AVALIAÇÃO.

- Contínua (participação).

### 6- BIBLIOGRAFIA.

- (vide plano de curso).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: José Pereira da Silva  
 Curso: História  
 Colégio do Estágio: Ens. Est. de 1º e 2º graus Anís Chateaubriand.  
 Nome do professor: José Cipriano Pereira  
 Grau: 2º Série: 2º DISCIPLINA: História do Brasil  
 Período: \_\_\_\_\_ Data: 31 / 03 / 95 Duração: 1 h/aula

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?  
 Quais Sim. Mostrar as mudanças ocorridas em  
temas econômicos e políticos no Brasil com a  
Independência.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? A relação de  
dependência do Brasil em relação a Inglaterra.  
quando?

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Não houve uma participação muito pouco signi-  
ficativa. E mesmo assim, só apenas quando a  
professora indagava.



04. Houve uma distribuição racional do tempo? \_\_\_\_\_

*Sim.*

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

*tranquilo. Sem grandes problemas, apesar da desatenção com a aula.*

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

*Tentativa levar os alunos a compreender o que ele diz, ou seja, repetindo palavras-chave.*

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

*Quadro-de-giz e texto mimeografado.*

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

*Não. A participação era quase nenhuma, devido ao próprio desinteresse pela disciplina.*

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

*Não.*

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

*Na medida do possível, sim. Com a apatia dos alunos é difícil estimar alguns prognósticos.*



14. Que tipo de atividades foram utilizadas, em conjunto com a aula, para ensinar a ler?

A professora tentava levar os alunos a participarem da aula, enfoca de forma mecânica, preverbalizando frases (verbalmente).

15. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento de reflexos do aluno?

\_\_\_\_\_

b) formação de hábitos e atitudes?

\_\_\_\_\_

c) desenvolvimento de habilidades?

\_\_\_\_\_

? } críticas ?

16. Que outras apreciações gostaria de fazer?

A aula, no geral, foi boa, apesar da falta de interesse dos alunos.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Campina Grande, 31 / 03 / 95

~~\_\_\_\_\_  
estagiário~~



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: José Pereira da Silva  
 Curso: História  
 Colégio do Estágio: Exp. Est. de 1º e 2º graus Assis Chateaubriand  
 Nome do professor: José Cipriano Pereira  
 Grau: 2º Série: 2º DISCIPLINA: História do Brasil  
 Período: \_\_\_\_\_ Data: 04/04/95 Duração: 1 h/aula

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?

Quais continuar as discussões da aula anterior, ou seja, o processo de independência, conduzindo os alunos as discussões para o 1º Império, mostrando os aspectos políticos e econômicos desse período.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? Os aspectos políticos e econômicos no 1º Império.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Houve uma pequena participação dos alunos. E mesmo assim, não fazendo perguntas pela professora, sobre a aula.



04. Houve uma distribuição racional do tempo? \_\_\_\_\_

*Sim*

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

*Bom. (na medida do possível) } ?*

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

*Colocou alguns alunos para lerem o texto mimeografado (alternadamente) em voz alta.*

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

*Quadro de giz e texto mimeografado.*

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

*Não. Apesar das tentativas do professor, houve alguns alunos que passaram o tempo lendo fazendo exercícios de outras disciplinas.*

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

*Não. Apesar do desleixo.*

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

*Sim. Ela mostrou os característicos do 1º Império bem esquematizadamente.*



11. Que tipo de atividades foram realizadas, em relação  
ao texto, para melhorar o ensino?

a leitura do texto e o acompanhamento.

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

nenhuma

b) formação de hábitos e atitudes?

nenhuma

c) desenvolvimento de habilidades?

nenhuma.

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

A aula esteve orientada pelo poético, apesar de algumas insensibilidades do professor.

Campina Grande,

04 / 04 / 95

  
estagiário



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de identificação:

Nome do estagiário: Jou' Pereira da Silva  
 Curso: História  
 Colégio do Estágio: Exe. Est. de 1º e 2º graus para Uatuburuá  
 Nome do professor: Josefa Espirito Santo  
 Grau: 2º Série: 2ª DISCIPLINA: História do Brasil  
 Período: 22 Data: 06/04/95 Duração: 1 h/aula

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?

Sim, a continuação da aula anterior (conclusão) e resolução de questões previamente entregues.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? O Brasil do 1º Império. / resolução de questões.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

participaram bem, com algumas questões respondidas pelos mesmos.

04. Houve uma distribuição racional do tempo? \_\_\_\_\_

*Sim*

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

*Bom.*

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

*Questionário (resolução)*

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

*Quadro de giz (para concluir a aula anterior).*

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

*Sim. Responderam as questões satisfatoriamente.*

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

*Não.*

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

*Sim. Houve uma apresentação sintemática do conteúdo passado pela professora.*



A participação na resolução das questões e pos-  
tular respostas.

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento de reflexões no aluno

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

b) formação de hábitos e atitudes?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

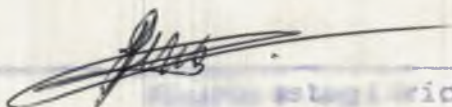
c) desenvolvimento de habilidades?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Carolina Mendes, 06 / 04 / 95

  
\_\_\_\_\_  
Assessoria Pedagógica



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de identificação:

Nome do estagiário: Jose Pereira da Silva  
 Curso: História  
 Colégio de Estágio: Cre. Est. de 1º e 2º graus Nossa Chateaufort.  
 Nome do professor: Josefa Cipriano Pereira  
 Grau: 2º Série: 2º DISCIPLINA: História do Brasil  
 Período: \_\_\_\_\_ Data: 10/04/95 Duração: 1 aula.

2. Roteiro da observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?

Quais Sim. Perceber os problemas que levaram a abdicação de D. Pedro e o fim do 1º Império.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? A abdicação de D. Pedro I.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Apenas ouviam, eu sei, não houve participação ativa.

04. Houve uma distribuição racional do tempo? \_\_\_\_\_

*Sim.*

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

*Bom. Apesar de apatia dos alunos.*

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

*O esquema pontuado nos quadros.*

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

*Quadro de giz.*

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

*Apesar de se comportarem bem, parecia-se a disposição de fazer.*

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

*Não.*

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

*Sim. Foram mostrados os problemas enfrentados por D. Pedro, com relação a política, e o que levou-o a abdicação mediante pressões.*



11. Que tipo de atividades foram utilizadas em momentos de interação com o aluno, para avaliar o conteúdo?

Neutrum.

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

b) formação de hábitos e atitudes?

c) desenvolvimento de habilidades?

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

A aula em si foi boa. Mas, faltou uma maior interação professor-aluno no que se refere ao conteúdo da aula. Na verdade foi um monólogo.

Campina Grande, 10 / 04 / 95

  
estagiário



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de identificação:

Nome do estagiário: José Pereira da Silva  
 Curso: Uenciatura em História  
 Colégio do Estágio: Carla de 1º e 2º graus Anis Chateaufort  
 Nome do professor: prof. Cipriano Pereira  
 Grau: 2º Série: 2º DISCIPLINA: História do Brasil  
 Período: \_\_\_\_\_ Data: 11 / 04 / 95 Duração: 1 aula

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?

Quais Sim. Mostrou a Confederação do Equador, por  
reunir Paraíba, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte,  
como movimento separatista.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? Foi justamente os  
motivos em relação ao movimento da Confederação  
do Equador, e os líderes, dentre eles Frei Caneca.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Uma pequena parcela respondeu algumas indaga-  
ções e questionamentos feitos pela professora.



04. Houve uma distribuição racional do tempo? *Não. Em alguns momentos ficou repetitivo, o que culminou com a transferência da discussão para a aula seguinte.*
05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:  
*Não muito bom. Os alunos se mostravam, em boa parte, atentos aos discursos e explicações implementadas pelo professor, fazendo inclusive outras tarefas durante a aula.*
06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?  
*A professora utilizou um texto mimeografado, no qual ela conduzia a explanação.*
07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?  
*Quadro de giz e o texto. O quadro não foi utilizado de forma correta, pois o esquema estava desordenado.*
08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.  
*Não muito. Colocou inicialmente houve bastante dispersão.*
09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?  
*Sim. A professora tentou alertar. Mas foi do mesmo modo não teve mais mudanças.*
10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.  
*Mais ou menos. Ficou algumas coisas vagas. Até por fim a aula sobre a temática não terminou nesse dia.*



16. De que tipo de avaliação é a avaliação...  
Nenhuma.

17. Comente a preocupação do Professor com:
- a) desenvolvimento da reflexão do aluno  
Nenhuma.
  - b) formação de hábitos e atitudes?  
Nenhuma.
  - c) desenvolvimento de habilidades?  
Nenhuma.

18. Que outras apreciações gostaria de fazer?  
A aula esteve muito ligada ao factual, e  
isso deixa o público cansado e desestimulado.

Cópia em... 11 / 04 / 95

  
estagiário

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. Dados de Identificação:

Nome do estagiário: José Pereira da Silva  
 Curso: História  
 Colégio do Estágio: Ex. Ent. de 1º e 2º graus - Anís Chateaubriand.  
 Nome do professor: José Cipriano Pereira  
 Grau: 2º Série: 2ª DISCIPLINA: História do Brasil  
 Período: \_\_\_\_\_ Data: 13 / 04 / 95 Duração: 1 h/aula.

2. Roteiro de observação:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?

Quais: Sim. O ênfase dos partidos políticos no 1º Império, ou seja liberais x Conservadores.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula?

Os partidos políticos no 1º Império.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Como mere ouvintes.



04. Houve uma distribuição racional do tempo? \_\_\_\_\_

*Sim*

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

*Bom. Não ocorreu nenhum atrito. Apesar da apatia repudiar o bom encaminhamento do aula.*

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

*Escreveu no quadro.*

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

*Quadro de giz.*

08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.

*Apenas um pequeno parcela, sim.*

09. Existiu problemas de indisciplina? como foram tratados?

*Não.*

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início de aula, foram atingidos? Comente.

*Supomos que si, uma vez que a esboço de ideias no quadro deve conduzir para isso.*

11. Que tipos de exercícios são utilizados pelo Professor durante a aula, para atingir o objetivo?

*nenhum.*

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?


b) formação de hábitos e atitudes?

c) desenvolvimento de habilidades?

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

*A aula foi boa, porém faltou a participação dos alunos, mesmo quando inquiridos.*

Campina Grande, 13 / 04 / 95

  
\_\_\_\_\_  
aluno estagiário



PERÍODO REGENCIAL

O período Regencial deve ser compreendido dentro de um processo maior que permeia a abdicação de D. Pedro I. A inauguração e incerteza fomenta

van cada vez mais as revoltas por várias províncias. As agitações se tornaram frequentes, que José Bonifácio chegou a dizer "a agitação cresceu, a nação estremece, a imprensa troveja, a revolta é quase geral".

Além das revoltas, esse período foi marcado por disputas políticas, em que liberais e conservadores se degladiavam. Vale salientar que, esses grupos políticos não se achavam muito bem definidos, uma vez que em alguns momentos uns se posicionavam como seus opositores. Daí chegar a dizer que "não existe nada mais liberal do que um conservador fora do poder, e nada mais conservador do que um liberal no poder".

Dentre os grupos políticos podemos destacar: os moderados ou chimangos que lutavam pela centralização política; os exaltados que desejavam a descentralização política e os restauradores que tinham esperança no retorno de D. Pedro I.

Outra característica desse período foi a crise econômico-financeira. A mesma vinha se processando desde o primeiro Império. Com a abdicação de D. Pedro I, e a impossibilidade de seu filho assumir o trono, pois tinha apenas 5 anos, foram eleitos provisoriamente pela Assembleia Geral o Senador Nicolau de Campos Vergueiro, José Joaquim Carneiro de Campos e o Brigadeiro Iradissa de Lima e Silva. Formando a Regência Trina Provisória.

Em junho de 1831, a Assembleia Geral elegeu os componentes da Regência Trina Permanente, que foram: Francisco de Lima e Silva, João Bráulio Muniz e José da Costa Carvalho. Todavia, essa regência foi marcada pela presença forte e decisiva do pai, Diogo Antonio Leijó, como Ministro da Justiça. Dentre as medidas dessa regência, e mais especificamente de Leijó, destacamos a criação da Guarda Nacional, a qual seria comandada pelos proprietários de terras.

Em 1834, a Assembleia Geral se reúne para votar o Ato Institucional. Nesse ato foi mantido o caráter vitalício do Senado, abolida a regência trina em prol da regência Una e foram criadas nas províncias as Assembleias Legislativas (o qual possibilitou que suprimissem o Conselho de Estado).

Em 1835 é eleito Leijó como regente. Esse período foi bastante conflituoso e turbulento, marcado por revoltas, oposições por parte dos conservadores (maioria na Assembleia) e dos jornais, e atritos com a Igreja. Somado a estes problemas, Leijó teve problema de saúde, chegando a renunciar ao cargo em 1837. Assumiu interinamente o cargo Pedro Araújo Lima (conservador).

Pedro Araújo é eleito em 1838 Regente. Seu governo foi marcado pelo caráter autoritário. O exemplo disso foi o fim das Assembleias provinciais deflagrada por Pedro Araújo, esse fato acabou causando mais descontentamentos e consequentemente um crescimento considerável do partido Liberal.

A Regência de Pedro Araújo teve fim em 1840, com o golpe de maioridade, em que D. Pedro II assume o poder com apenas 14 anos de idade. Porém, essa seria a única saída para os problemas, segundo os liberais.

EXERCÍCIOS

- 1- Como você percebe o Período Regencial, levando em consideração a história como processo.
- 2- Como estavam apresentadas as disputas políticas dos partidos, eles se achavam definidos?
- 3- Quais as medidas tomadas com o ato institucional de 1834.
- 4- Como chegou ao fim o período regencial.

CENTRO DE HUMANIDADES - PRAIA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

MINI-CURSO PARA O VESTIBULAR

ALUNO ESTÁGIÁRIO: JOSÉ PEREIRA DA SILVA

PROFESSOR ORIENTADOR: CELSO GESTEMELER.

PERÍODO: 94.2

TEMÁTICA GERAL: OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL IMPÉRIO.

TEMA DA AULA: FARRAPOS E CABANOS: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS.

TEATO BASE

## A Revolta dos Cabanos

A Revolta dos Cabanos ou Cabanagem, foi uma revolta de caráter popular ocorrida na Província de Grão-Pará, a que durou de 1835 à 1840. Os cabanos eram uma parcela humilde da população do Amazonas que habitavam as cabanas às margens de rios e igarapés.

Essa revolta foi marcada pela violência intensa e pela tomada de poder por parte dos revoltosos. Liderados pelo jornalista Eduardo Angelim Negreira, 3.000 cabanos (índios, negros e mestiços) enfrentaram em 1835 as forças legalistas, chegando com isso a tomada de Belém.

De 1836 as forças legalistas, lideradas pelo Brigadeiro Soares de Andrea (que depois tornou-se Presidente da Província), retomaram a capital, todavia, os cabanos se espalharam pelo interior da província.

Durante o domínio cabano, especificamente em fins de 1835, Pedro Vinagre (líder cabano) tornou-se comandante das armas, e Malcher o Presidente da província. Em virtude do apoio de Angelim por parte de Malcher, ocorreu a queda de Vinagre no poder, e Malcher assumiu também a presidência da província.

A Revolta dos Cabanos teve fim em 1840, com a vitória, a chamada "ação pacificadora" conseguida por Soares de Andrea, custou a vida de 40.000 homens em três anos de confrontos.

## A Guerra dos Farrapos

A Guerra dos Farrapos ou movimento separatista, foi um movimento ocorrido no Rio Grande do Sul, a que durou de 1835 à 1845, sendo com isso a revolta que mais durou esse tempo. Ela estava marcada pelas companhias de guerrilha, que faziam ataques às tropas legalistas. Nenhuma revolta no Brasil foi tão bem sucedida na sua realização enquanto projeto político.



A economia no Rio Grande do Sul nesse período estava centrada nas estâncias, pela produção de charqueado e do couro para exportação. A alta nos preços do sal, a baixa nos impostos de importação de charque que impossibilitou a concorrência com o mesmo, e as taxações de impostos que não eram revertidas em ações para o Rio Grande pelo governo central, condicionaram os levantes. Juntamente com a questão econômica, instalou-se a insatisfação com a política desenvolvida pelo presidente da província Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Em 1835 Antonio Rodrigues é deposto, e substituído pelo vice-presidente Marciano Pereira Ribeiro. É importante frisar que, inicialmente o movimento não tinha pretensões separatistas ou republicanas.

Em 1836 é proclamada a República Rio-grandense, que tinha como dirigente Bento Gonçalves.

Com o golpe da maioridade, todos esperavam que os ânimos se acalmassem, porém, isso não ocorreu, uma vez que os farrapos (com expressão de Bento Manuel) continuaram na luta.

Os legalistas tiveram na figura de Barão de Caxias a "ação pacificadora" do movimento dos farrapos. Tal movimento, em seu final, acabou tendo algumas conquistas. Como por exemplo: a incorporação dos soldados farrapilhas no exército legalista, anistia para os revoltosos e libertação de escravos que participaram na revolta.

O ideário do movimento dos farrapos acabou se expandindo, o exemplo de destaque foi a proclamação da República de Santa Catarina (chamada de República Juliana) em 1839.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALENCAR, Francisco, et alii. História da sociedade brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.
- MENDES JUNIOR, Antonio, et alii. Brasil História: texto e consulta - vol. 2. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Alma: Arbuia Alas di sauja.  
 Sítii: 2º Tutoro: amamba.  
 N.º: 06 Tutora: Unila.

## Exercício.

1.) Como você percebe o período Regencial. Levando em consideração a história como proleto? O período Regencial foi um dos períodos mais agitados da história do Brasil, foi um período de lutas pelo poder da classe dominante e rebeliões populares contra a monarquia.

2.) Como estava apresentada a disputa política dos partidos. Eles se achavam divididos como grupo?  
 Liberais e Conservadores.

3.) Quais as medidas tomadas com o Ato Constitucional de 1834?

O serada vitalício (mantida). Aboliu a Regência Triuna pela Regência Una. Criação das assembleias provinciais. Suprimiu o Conselho de Estado (x poder moderado)



Escola Estadual de 1º e 2º Graus, Assis Chateaubriand

Campina Grande.

Aluna: Luciene Barbosa de Lima. Nº 17

Turma: "U" Turno: Manhã Série: 2º C. 11 nt.

Disciplina: História.

### EXERCICIO

- 1º) Como você percebe o período Regencial, levando em consideração a história como processo? O período Regencial foi um dos períodos mais agitados da história do Brasil, foi um período de lutas pelo poder da Classe dominante e rebeliões populares contra a miséria.
- 2º) Como estava apresentada a disputa política dos partidos. Eles se achavam definidos como grupo? Liberais e Conservadores.
- 3º) Quais as medidas tomadas com o Ato Institucional de 1834? O Senado vitalício (mantido). Aboliu a Regência triuna pela Regência una. Criação das assembleias provinciais. Suprimiu o conselho de Estado (x poder moderado)



ALUNO: JOSELO B. NASCIMENTO; N-15; 2-ANO

## EXERCÍCIO DE HISTÓRIA.

1) COMO VOCÊ PERCEBE O PERÍODO REGENCIAL LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO A HISTÓRIA COMO PROCESSO?

2) O PERÍODO REGENCIAL FOI UM PERÍODO DIFÍCIL PARA O BRASIL, UMA ÉPOCA DE MUITAS REBELIÕES NO TERRITÓRIO BRASILEIRO.

3) COMO ESTAVA APRESENTADA A DISPUTA POLÍTICA DOS PARTIDOS, ELES SE ACHAVAM DEFINIDOS COMO GRUPOS?

4) NAQUELA ÉPOCA EXISTIAM TRÊS GRUPOS POLÍTICOS NO BRASIL, OS LIBERAIS EXALTADOS, LIBERAIS MODERADOS E OS RESTAURADORES.

5) QUAIS AS MEDIDAS TOMADAS COM O ATO CONSTITUCIONAL DE 1834?

6) AS MEDIDAS SÃO AS SEGUINTE:

- CRIAÇÃO DE UMA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA.

- CRIAÇÃO DE UM TERRITÓRIO MUNICIPAL NEUTRO.

- ABOLIÇÃO DA REGÊNCIA TRINA.



Escola Estadual de 1º e 2º graus, Assis Chateaubriand  
 Aluna: **Alexsandra Nº 03**  
 Série: 2º científico **monha**

### Exercício

- 1- Como você percebe o período Regencial, levando em consideração a história como processo?
- 2- Como estava apresentada a disputa política dos partidos. Eles se achavam definidos como grupos?
- 3- Quais as medidas tomadas com o Ato Institucional de 1834?
- 4- Como chegou ao fim o período Regencial?

### Respostas

- 1- O período regencial foi um dos períodos mais agitados da história do Brasil, foi um período de lutas pelo poder da classe dominante e rebeliões populares contra a miséria.
- 2- Liberais e conservadores. E se achavam como grupos.
- 3- O senado vitalício (mantido)  
 Aboliu a Regência Trina pela regência Una.  
 União das assembleias provinciais  
 Suprimiu o conselho de Estado (x poder moderado)
- 4- Chegou ao fim com a continuação das revoltas, descontentamento com o governo anterior, golpe da maioridade em 1840.

Aluna: Karlymna A de Sousa, 20 anos manhã

## Questões

- ① como seria Bucela o período regencial, chamando em consideração a história como processo.
- ② como estava representada a disputa política dos partidos. Eles se achavam definidos como grupos?
- ③ quais as medidas tomadas com ato institucional de 1834?
- ④ como chegou ao fim o período Regencial?

## Respostas

- ① bem o período regencial foi muito importante, pois foi o período de grandes revoluções e com estas revoluções fez o país crescer, tornando mais bem organizado.
- ② bem existia três grupos políticos esta época eram os liberais exaltados, os liberais moderados e os restauradores cada um defendia o grupo social objetivamente de acordo com os seus ideais, a disputa política entre estes grupos era



Escola Estadual de 1ª e 2ª graus Assis Chateaubriand  
Campina Grande 03/05/93

Aluno: Mouricio 2ª científico único

Turma: manhã

### Exercício de história

1) Como você percebe o período regencial, levamolo em consideração a "história como processo".

O período regencial foi resultado da abdicação de D. Pedro que sem ninguém no poder provocou muitos conflitos.

2) Como estava apresentada a disputa política dos pontos. Eles se achavam definidos como grupo?

liberais e conservadores.

3) Quais as medidas tomadas com o ato constitucional de 1834? O Senado vitalício aboliu a regência triana pela regência una.

Criação das assembleias provinciais

Suprimiu o conselho do Estado.

4) Como chegou ao fim o período regencial?

com a regência de Pedro Araújo Lima (conservador) 1835







## História:

Aluna: Yoneide de Souza Lima Nº 31  
2º ano Científico - Turma II Turno Manhã.

### Exercício:

Como você percebe o período regional, levando em consideração a "História como processo".

Houve um conflito entre os grupos políticos e os liberais conservadores.

Como estava apresentada a disputa política dos partidos. Eles se achavam defendidos como grupo? moderador e Exaltados restauradores.

Quais as medidas tomadas com o ato institucional de 1834

Aboliu a regência tripartida pela regência, uma criação das assembleias provinciais.

Deprimiu o conselho do estado (Poder moderador)



Escola: Estadual de 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> graus. Pólos Chateaubriand

Aluno: Alan B. Freire R. 38

Séria: 2<sup>o</sup> simétrico de manhã

## História

### Exercício

1<sup>o</sup>) Como você percebe o período regencial, levando em consideração a história como processo?

R- O período regencial foi um dos períodos mais agitados da história do Brasil, foi um período de lutas pelo poder da classe dominante e rebeliões populares contra a miséria.

2<sup>o</sup>) Como estava apresentada a disputa política dos partidos. Eles se achavam definidos como grupos?

R- Liberais e Conservadores.

3<sup>o</sup>) Quais as medidas tomadas com o ato Institucional de 1834?

R- O renovo vitalício (mantido) Aboliu a regência triana e pela regência Uma lei das assembleias provinciais suprimiu o Conselho de Estado (x poder moderador)

4<sup>o</sup>) Como chegou ao fim o período regencial?

R) Chegou ao fim com a continuação das revoltas, descontentamento com o governo autoritário, golpe da maioria em 1840.



Biblioteca Estadual de 1º e 2º graus Aluis Chateaubriand.  
 Campinas grande 05 / 05 / 95

Aluno: ~~João~~ Gilberto Clementino Ribeiro Nº 12º  
 Série: 2º Ano Turma: ~~matutina~~

### Exercício.

- 1º Como você percebe o período regencial levando em consideração a história desse processo? O período regencial foi um dos períodos mais agitados da história do Brasil, foi um período de lutas pelo poder da classe dominante e rebeliões populares contra a mesma.
- 2º Como estava apresentada a disputa política dos partidos. Eles se acharam dignos dos seus nomes? Liberais e Conservadores.
- 3º Quais as medidas tomadas com o intuito de 1884. O período vitalício (sem todo). Aboliu a regência triuna pela regência única dando aos membros provinciais. Suprimiu o Conselho de Estado pelo seu caráter.
- 4º Como chegou ao fim o período Regencial.



## Exercício de História

Como você percebe o período Regencial, levando em consideração a "história como processo".

Um dos períodos mais agitados da história do Brasil, foi um período de lutas pelo poder da classe dominante e rebeliões populares contra miséria.

Como estava apresentado a disputa política dos partidos. Eles se acharam definidos como grupo?  
Liberais e Conservadores.

Quais as medidas tomadas com o Ato Institucional de 1834?

O Senado vitalício, aboliu a Regência tripartida pela Regência unitária, Criação das Assembleias provinciais, suprimiu o Conselho de Estado (= poder moderador).

Como chegou ao fim o período Regencial. Chegou ao fim com a continuidade das revoltas, insistentemente com o governo autoritário, golpe da maioria em 1840.

Silvânia Marques de Santana.



Colégio Estadual do 1º e 2º graus

Assis Chateaubriand. 05-05

Aluno: Alexandre do N. Lourenca N.º 33

## História

### Exercício

① Como você percebe, o período REGENCIAL levando em consideração a "História como processo".

Foi um período de muita conturbacão onde apenas os que têm o poder econômico nas mãos conseguiram atingir seus objetivos. É este período não é diferente em termos de conturbacões e politicomercos também tem-se repetido outra vez em nossa história.

② Como estava apresentada a disputa política dos partidos. Eles se achavam definidos como grupos?

Consistia na disputa política dos liberais contra os conservadores.

③ Quais as medidas tomadas com o ato institucional de 1834.

O senado vitalício, aboliu a regência triuna pela regência una e criou as assembleias provinciais.

④ Como chegou ao fim do período Regencial?

Chegou ao fim com a continuacão das lutas, atitudes com a esquerda o descontentamento com o governo autoritário, etc.

## FICHA DE LEITURA

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A questão das técnicas didáticas. Ijuí, nov/76.  
(mimeo).

## ANALISE:

## 1- ENFOQUES PRINCIPAIS.

- A confusão entre metodologia de ensino e técnicas didáticas.
- Técnicas didáticas dentro de uma nova metodologia - transformadora.

## 2- IDÉIAS COM AS QUAIS ENTRA EM DESACORDO.

- "A essência do homem está alienada" (p.02) *Por quê?*

## 3- FUNDAMENTAÇÕES PARA SUA OPOSIÇÃO AS IDÉIAS DO AUTOR.

O autor apresenta a situação do homem como caótica, onde se dá cada vez mais a efetivação dos valores burgueses. Porém, eu não vejo a natureza humana tão caótica, como na leitura gramsciana, feita pelo autor sobre as técnicas didáticas. *Por quê?*

A luta por uma consciência crítica deve ser constante, e não será nenhuma teorização libertária (até porque ela mesma não vislumbra saídas, <sup>ou</sup> caminhos) que nos livrará dessa "alienação".

## 4- IDÉIAS QUE SUSCITARAM DÚVIDAS E CRIARAM UMA INDAGAÇÃO A RESPEITO.

Será que o capitalismo é o grande culpado da situação que se encontra a educação, ou seja, de desarrajo? Pelo que o autor coloca, o capitalismo estaria unicamente a favor da burguesia. Fazendo com isso, todo um emaranhado de dependências, onde a tecnologia da educação se processa.

## 5- APRENDIZAGENS NOVAS REALIZADAS.

Através desse texto, podemos encontrar a preocupação com a aula expositiva, onde o eixo central seria tornar a educação como um ato político. É o que o autor chama de "associação com a realidade".

## 6- APRECIÇÃO.

O texto é interessante para compreendermos as nuances das técnicas didáticas, em prol ~~em prol~~ de uma metodologia (o que não podemos confundir). E também, pensarmos em tornar nossas aulas expositivas, uma constante associação com a realidade. Isso possibilitará ao aluno, uma melhor compreensão do todo, e não uma gama estreita de conhecimento, uma vez que o universo do saber é imenso, e há necessidade de analisá-lo criticamente.



## FICHA DE EBITURA

RONCA, Antonio Carlos Caruso, ESCOBAR, Virginia Ferreira. IN: Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação? 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

## ANÁLISE:

## 1- ENFOQUES PRINCIPAIS.

- Vantagens da aula expositiva.
- Cuidados que aula expositiva requer.
- Uso adequado da aula expositiva.

## 2- IDÉIAS COM AS QUAIS ENTRA EM DESACORDO.

Os autores ao levantarem os cuidados com a aula expositiva, elencam como necessário para que se obtenha a atenção, apenas a variação do estímulo, mudanças dos canais de comunicação e mostrar entusiasmo.

## 3- FUNDAMENTAÇÕES PARA SUA OPOSIÇÃO ÀS IDÉIAS DO AUTOR.

Os autores esquecem que para manter a atenção do público, o professor tem que ter também uma segurança na exposição (e que é obtido com o domínio de conteúdo).

## 4- IDÉIAS QUE SUSCITARAM DÚVIDAS E CRIARAM UMA INDAGAÇÃO A RESPEITO.

Os autores colocam que através do "olhar do aluno" (p.103), o professor saberá o nível de concentração do mesmo em sua aula. Porém numa sala com mais de 50 alunos, é impossível agir dessa forma. Até porque podemos encontrar, como os próprios autores colocam, o "falso entusiasmo" (p.104). E aí, o que fazer para saber se estamos recebendo realmente a atenção?

## 5- APRENDIZAGENS NOVAS REALIZADAS.

Pode receber de novo com esse texto, a necessidade de fazer dentro de uma aula expositiva "marcadores de valor", ou seja, dar destaques orais através de repetições em torno de elementos primordiais a compreensão da temática da aula.

## 6- APRECIÇÃO.

O texto tenta fazer uma retomada sobre o uso da aula expositiva. Para isso, ele apresenta a importância da aula expositiva, por exemplo, quando têm-se um grande público, quando não se tem material suficiente para trabalhar, quando se quer passar uma gama de informações, etc. Todavia, o texto nos mostra que é necessário alguns cuidados em relação a aula expositiva, para que essa seja eficiente. Dentre os quais, manter a atenção, e solicitar a colaboração da classe.

## FICHA DE LEITURA

OLIVEIRA, Betty. A prática social global como ponto de partida e de chegada da prática educativa. IN: Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro: v.14, nº 66/67, set/dez. 1985.

## ANÁLISE:

## 1- ENFOQUES PRINCIPAIS.

- A escola como preparação para uma prática social.
- A ação libertária/transformadora da escola para a sociedade.

## 2- IDÉIAS COM AS QUAIS ENTRA EM DESACORDO;

- = A prática social global como ponto de partida e de chegada da prática educativa.

## 3- FUNDAMENTAÇÕES PARA SUA OPOSIÇÃO ÀS IDÉIAS DO AUTOR.

Primeiro, ela considera que deva haver uma ação pedagógica intencionalizada, ou seja, que vise a transformação das estruturas sociais. Porém, não podemos perceber a educação como, único e exclusivamente, em ato político e mais especificamente libertário. Até porque, os caminhos para essa efetivação não são dados pela autora (nem por nenhum adepto da ação "libertária" na escola).

## 4- IDÉIAS QUE SUSCITARAM DÚVIDAS E CRIARAM UMA INDEGAÇÃO A RESPEITO.

Será que podemos conceber, plenamente, a educação como uma atividade mediadora, onde teoria e prática estão associados? Isso devido aos poucos resultados práticos da chamada educação transformadora.

## 5- APRENDIZAGENS NOVAS REALIZADAS.

A escola não deve ser concebida como instância isolada e muito menos não intencional, em sua ação pedagógica.

## 6- APRECIÇÃO.

O texto nos apresenta bem que há a necessidade de se fazer uma interação, entre escola e sociedade, entre teoria e prática. A escola deverá ser o local onde possibilite a democratização do saber, e formação da consciência crítica. Porém o que temos é a "descolarização dos educandos na própria escola", como diz o autor (claro que devemos fazer algumas relativizações).



## FICHA DE LEITURA

RODRIGUES, Neidson. O ensino das ciências sociais: História e Geografia.

IN: Per uma nova escola - o transitório e o permanente na educação.

São Paulo: Cortez, 1985.

## ANÁLISE.

## 1- ENFOQUES PRINCIPAIS.

- A crise das ciências humanas.
- A História como produto da ação humana.
- O ensino da Geografia: a produção do espaço social.

## 2- IDÉIAS COM AS QUAIS ENTRA EM DESACORDO.

O perigo da formação de espíritos críticos e constadores, através das ciências sociais, para os planos políticos (explicaria a crise das ciências humanas).

## 3- FUNDAMENTAÇÕES PARA SUA OPOSIÇÃO ÀS IDÉIAS DO AUTOR.

É bem verdade que para o Sistema capitalista, a massificação é bem vista. Todavia, não podemos generalizar, dizendo que espíritos críticos e contestadores poderiam ser obtidos pelo ensino da História e Geografia. A própria estrutura educacional brasileira não dá condição para que isso ocorra. Os problemas são mais profundos do que apenas a subjugação ao Sistema político e econômico.

## 4- IDÉIAS QUE SUSCITARAM DÚVIDAS E CRIARAM INDAGAÇÃO A RESPEITO.

Quando o autor apresenta sua crítica aos fatos históricos tradicionais (datas, personagens), ele diz que os mesmos estão subjugados aos interesses de grupos e classes, que seriam ponados como verdadeiros "motores da História". Ao fazer ele suscita-nos a impressão que existe um verdadeiro motor da História. Será que existe?

## 5- APRENDIZAGENS NOVAS REALIZADAS.

Pensar a História como processo amplo da ação humana. (referça)

## 6- APRECIÇÃO.

O texto de Neidson é inportantíssimo para compreendermos a importância que "pode" tomar as ciências humanas, ou seja, dar condição de entender criticamente a nossa realidade (como fruto de um processo histórico). Porém devemos dar alguns descontos nas observações do autor, uma vez que o mesmo não é historiador, mais sim da área da Educação.

## FICHA DE LEITURA

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. IN: Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro. v.13, nº61. nov/dez, 1984.

## ANÁLISE.

## 1. ENFOQUES PRINCIPAIS.

- A avaliação educacional para a conservação e para transformação.
- Formas de avaliação autoritárias.
- A avaliação de forma diagnóstica.

## 2. IDÉIAS COM AS QUAIS ENTRA EM DESACORDO.

O autor fala que apresentará algumas indicações de saída dessa situação (conservação/reprodução do sistema), a partir do entendimento da educação como instrumento da transformação da prática social.

## 3. FUNDAMENTAÇÕES PARA OPOSIÇÃO ÀS IDÉIAS DO AUTOR.

O autor vê na educação (sem elementos autoritários) <sup>VM</sup> como meio da transformação na prática social. Todavia, para essa educação se efetivar é necessário um acompanhamento sistemático do do orientando pelo orientador (professor). Se essa é a saída, <sup>POE QUE?</sup> que acho que nunca conseguiremos transformar a sociedade, como esperam os adeptos da teoria "libertária." Além do mais, onde fica o caráter democrático, uma vez que não haverá uma autonomia na conquista dessa consciência.

## 4. IDÉIAS QUE SUSCITARAM DÚVIDAS E CRIARAM UMA INDAGAÇÃO A RESPEITO.

“O que o autor concebe como o mínimo de competência para convivência social? Seria estar engajado na luta pela transformação da sociedade? E se concebermos política, num sentido mais amplo, onde a própria exclusão em relação a uma luta política é um ato político? (sobre política ver)

## 5. APRENDIZAGENS NOVAS REALIZADAS.

A utilização da avaliação de forma diagnóstica.

## 6. APRECIÇÃO.

O texto de Luckesi é interessantíssimo. Ele nos apresenta a forma autoritária que é conduzida muitas vezes a avaliação, a qual se torna uma espada ameaçadora.

A partir de teorização, o autor nos apresenta formas não autoritárias de avaliação, dentro de uma forma diagnóstica, onde o aluno é acompanhado até alcançar um mínimo e não uma média, como se tem comumente. Porém, vale salientar que, tal avaliação não dá para se processar em uma turma volumosa (o que é uma realidade das escolas no Brasil).



**Relatório final: Prática de Ensino de História na escola de 1º e 2º Graus**

Prof. Orientador: Celso Gestermeier do Nascimento

Orientando: José Pereira da Silva

**Parecer Final:**

Durante o semestre de 1994.2, desenvolvi atividades de orientação da prática de ensino ao aluno José Pereira da Silva, que constaram de reuniões semanais (2h) todas às quartas-feiras das 8:00 h. às 10:00 h. e das seguintes fases:

1- Leitura e discussão de textos acerca da problemática do ensino de História na escola de 1º e 2º graus:

RODRIGUES, Neidson. O ensino das ciências humanas: história e geografia. in Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985. (p. 108 -115).

OLIVEIRA, Betty. A socialização do saber sistematizado e a dimensão política da prática especificamente pedagógica. in Em Aberto. Brasília, (26), abr/jun 1985.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. in Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, v. 13, n. 61, no/dez 1984 (p. 6- 15).

RONCA, Antonio Carlos Caruso & ESCOBAR, Virgínia Ferreira. Análise Crítica: vantagens da aula expositiva. in Técnicas Pedagógicas: domesticação ou desafio à participação? Petrópolis, Vozes, 1986. (p. 98 - 109).

FISCHER, A questão das técnicas didáticas. Ijuí, Nov/1976. (mimeo.) (p. 1- 5).

2- Elaboração e apresentação de aulas simuladas sobre temas de História da escola de primeiro e segundo graus.

3- Observação de aulas na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Assis Chateaubriant e elaboração de planos de aula, unidade e curso visando a regência, assim como também apresentação de aulas simuladas.

4- Discussão e elaboração de relatório final a respeito da Prática de Ensino de Primeiro e Segundo Graus.

Para a avaliação final, em função de uma nota que deve acompanhar meu julgamento, gostaria de esclarecer o seguinte:

Não optei por uma avaliação numérica que levasse em conta somente as aulas ministradas pelo orientando, nas simulações, no

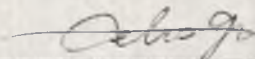


período de regência ou no mini-curso para Vestibular. Assim sendo, resolvi julgar a participação do orientando em função de todas as tarefas realizadas durante o semestre, chegando a seguinte conclusão:

1- O orientando teve um desempenho bastante satisfatório nas fases 1,2 e 3 das atividades do semestre, demonstrando boa leitura dos textos e interesse nas discussões, no que tange a fase 1. No referente a fase 2 sua atuação também foi bastante satisfatória pois, não tendo lecionado ainda em escolas públicas ou privadas, preparou e apresentou aulas sobre conteúdo diversificado, discutindo posteriormente suas deficiências comigo e procurando melhorá-las paulatinamente, de forma que quando iniciamos a fase 3 (regência na escola) o mesmo já estava bem mais desenvolvido na sala de aula e sanado muitos de seus problemas.

2- No que se refere a fase 4, seu desempenho não foi tão satisfatório quanto os precedentes, tivemos poucas reuniões e o centro do trabalho nesta fase, que deveria ser a entrega para prévia leitura por mim dos itens do relatório final, não foi cumprido, tendo o orientando apresentado-me o relatório já concluído, sem que pudéssemos discutí-lo previamente. Ao lê-lo, notei a ausência de uma série de questões que havíamos discutido em nossas reuniões, tais como problemas apresentados pela própria Prática de Ensino ou ainda uma série de críticas que poderiam ter sido feitas nas fichas de leituras, assim como sugestões, o que provavelmente deve ser creditado ao fato do aluno ter deixado a redação do relatório para os últimos dias do curso. Mesmo assim, sou de opinião que o aluno seja aprovado mas, devido aos problemas apresentados na fase 4 (e final) de nossos trabalhos, atribuo-lhe nota 9,0.

Atenciosamente



---

Celso Gestermeier do Nascimento - DHG



FICHA DE AVALIAÇÃO DE AULAS

NOME DO ESTAGIÁRIO: José PEREIRA DA SILVA  
 LOCAL DE ESTÁGIO: E. E. P. S. G. Assis Chateaubriant  
 CURSO: 2º GRAD SÉRIE: 2º ANO DISCIPLINA: HIS. BRASIL  
 DATA: 28/ABR/95 HORÁRIO: 8:20 - 9:30 Nº DE ALUNOS: 40  
 DATA: 05/MAI/95 HORÁRIO: 7:00 - 8:20 Nº DE ALUNOS: 40  
 ASSUNTO DA AULA: "O Período Regencial"

"A Guerra dos Farpões" e "O 2º Império: o Café"

QUESTÕES	AVALIAÇÃO	
01. O Estagiário conduziu o conteúdo a nível participativo	3	2
02. A sequencia conduziu à compreensão do conteúdo	3	2
03. A metodologia atendeu à realidade da turma	2	2
04. Os alunos demonstraram interesse pelas atividades	2	2
05. Os recursos didáticos foram utilizados adequadamente	3	2
06. A linguagem atendeu ao nível da turma	2	1
07. Os alunos demonstraram compreensão do conteúdo	2	2
08. O estagiário demonstrou segurança do conteúdo	2	1
09. Houve entrosamento estagiário-aluno	2	2
10. Houve distribuição racional do tempo	3	1
11. O estagiário apresentou domínio emocional	2	1
12. O estagiário teve domínio de classe	2	2

Observações: 1 - Use 1 para ÓTIMO, 2 para BOM, 3 para REGULAR e 4 para INSUFICIENTE.

2.- Use o espaço abaixo para comentário. Se o mesmo não for suficiente, anexe outra folha a es Ficha.

COMENTÁRIO: *O estagiário demonstrou evoluções constantes em suas aulas, desde as 1ªs simulações até as regências, como demonstrado pelas avaliações acima. Necessário*

*Celso Jr*

Profº. Orientador de Prática

*afirmar também que ele nunca teve tido experiências de sala de aula e os temas tiveram tempos exíguos a serem trabalhados.*